

UMA COMPANHIA DE FUZILEIROS NUMA OPERAÇÃO AEROTRANSPORTADA (1)

Coronel A. TSVYETKOV, do Exército Soviético

Uma companhia de fuzileiros, aerotransportada, pode desempenhar uma série de missões de combate em apoio da unidade superior ou de outras unidades da frente. Por exemplo, é capaz de conquistar objetivos importantes no interior do dispositivo inimigo (pontes, elevações dominantes, entroncamentos), ou destruir postos de comando, colunas isoladas e depósitos de suprimento.

Uma companhia de fuzileiros, como parte de uma força de desembarque aeroterrestre, pode receber uma das seguintes missões: evitar o movimento das reservas do inimigo para a principal zona de combate; conquistar e destruir material ou posições defensivas do inimigo; cobrir a zona de reunião das outras unidades aeroterrestres.

Tendo recebido sua missão, o comandante da companhia faz seu estudo de situação e toma sua decisão. O processo de chegar a uma decisão em operações de combate atrás das linhas do inimigo, tem suas peculiaridades. De fato, o comandante da companhia precisa tomar duas decisões ao mesmo tempo: uma referente à fase aeroterrestre de sua missão (previsões quanto ao pessoal, armamento, equipamento, munições, carga dos helicópteros e transporte), e a outra sobre a tática a empregar-se durante a operação de desembarque e nas ações posteriores.

Geralmente as decisões são tomadas com o auxílio de uma carta (ou de um modelo do terreno especialmente construído) e baseiam-se em informações sobre o inimigo extremamente reduzidas. A falta dessas informações normalmente obriga o comandante a adiar muitos pormenores táticos de sua decisão para depois do desembarque.

(1) N da R — Transcrição do número de Nov 61 da Edição Brasileira da Military Review.

Em sua decisão inicial o comandante fixa vários elementos: o objetivo contra o qual empregará suas forças principais; organização das formações de combate, determinação das missões para os pelotões e distribuição de armamento e equipamento; tipo de manobra a empregar durante a operação; plano de comunicações e a coordenação tanto no âmbito de companhia quanto com as unidades vizinhas.

Suponhamos (com auxílio da figura) que uma companhia de fuzileiros, reforçada por cinco canhões sem recuo, um pelotão de morteiros e duas seções de engenharia, recebeu a seguinte missão: Desembarcar de helicópteros na região um quilômetro a leste da colina 192,4 e destruir uma coluna de artilharia inimiga que se desloca na estrada Alfa-Bravo.

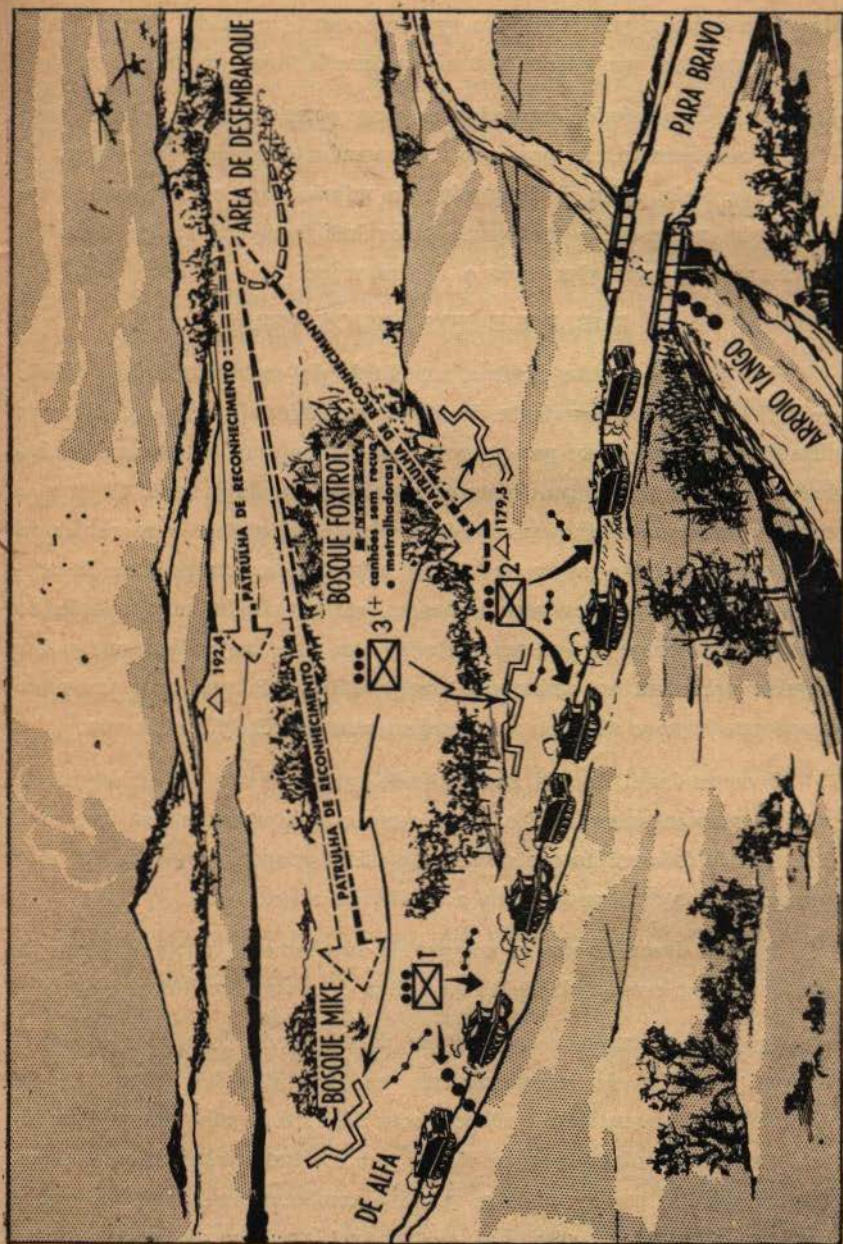
Tendo estudado sua missão e a situação tática, o comandante da companhia decide que será mais vantajoso destruir a coluna inimiga no momento em que essa se aproximar da ponte sobre o riacho Tango. Portanto, a organização para o combate da Cia atenderá a essa finalidade.

Seria também conveniente que duas seções do 3º Pel, três canhões sem recuo e as metralhadoras da Cia ocupassem posição nas orlas oeste do Bosque Mike, a sudoeste do Bosque Foxtrot e nas encostas da colina 179,5. Dêste modo, todos poderiam abrir fogo simultaneamente contra a coluna inimiga.

EMPREGO DO GROSSO

O grosso da Cia, (constituído pelo 1º e 2º Pel, cada um reforçado por um canhão sem recuo e quatro engenheiros) será empregado para captura e destruição dos canhões e tratores. A fim de assegurar a derrota da coluna inimiga, será necessário colocar em sua rota minas de contróle remoto. Também será preciso se proceder a colocação de minas na frente das posições dos elementos da Cia para dificultar a ação dos transportes blindados do inimigo.

A segurança do dispositivo será feita mediante o fogo simultâneo de todas as armas sobre a coluna inimiga. O dispositivo conta com meios suficientes para cumprir a missão e seu único ponto fraco é o flanco



direito que não conta com cobertura suficiente; no entanto, o comandante da Cia coordenou previamente a operação com a unidade vizinha da direita, a qual tem por missão destruir as demais forças da coluna inimiga.

Tendo completado, em todos os seus pormenores, os planos para a fase aeroterrestre da operação, o comandante expede sua ordem de operações. Nela, além de determinar a missão para cada elemento subordinado, prescreve o transporte pelos helicópteros e indica como se processarão as operações após o desembarque.

EMBARQUE NOS HELICÓPTEROS

Na zona de partida e sob a orientação do comandante da unidade de helicópteros, o comandante da companhia ordena o embarque de seus elementos subordinados, por grupos, nos helicópteros (o número do helicóptero foi indicado, previamente, a cada chefe de grupo). Os grupos entram em forma a cinco passos da cauda do helicóptero e os chefes de cada grupo (pelotão, seção ou turma) informam ao comandante do aparelho que estão prontos para embarcar, entregando-lhe uma relação do pessoal e da carga a ser transportada, com seus respectivos pesos. Em seguida procedem ao embarque, assegurando-se de que cada indivíduo ocupe seu lugar e obedeça aos regulamentos de disciplina de voo.

O comandante da Cia superintende, pessoalmente, o embarque de seus elementos subordinados, bem como o das armas e demais carga. Em seguida informa ao comandante do escalão superior que sua Cia está pronta para o transporte para a região de operações.

Após o desembarque, a companhia rapidamente adota a formação conveniente, e sem perda de tempo inicia o cumprimento de sua missão.

No nosso exemplo, o comandante da Cia envia, logo após o desembarque, patrulha de reconhecimento em três direções: sobre a cota 192,4 sobre o Bosque Mike e sobre a cota 179,5. A escolha dessas direções está justificada não só porque são as que conduzem rapidamente as patrulhas para as regiões onde se prevê o combate como também porque cortam os principais caminhos de possível manobra da coluna. Cada uma das patrulhas pode ser facilmente desviada, a qualquer momento, para proteger os flancos expostos da Cia.

MISSÕES DOS PELOTÕES

O comandante da Cia, em seguida, envia um pelotão com os engenheiros para colocar minas na estrada pela qual segue a coluna inimiga. Esse pelotão também coloca minas para proteger as posições designadas para os demais pelotões.

Depois de algum tempo, o grosso da Cia inicia seu movimento em coluna de pelotões. O comandante mantém contínuo contacto com seu chefe imediato e suas patrulhas; à medida que avança vai expedindo ordens mais precisas aos elementos subordinados. Agora já está informado que a artilharia inimiga está marchando em coluna de pelotões, precedidos e seguidos por infantaria em veículos blindados; portanto, expede ordens mais específicas: o 1º Pel ocupará a macega a 150m ao sul do Bosque Mike e atacará as peças de artilharia da cauda da coluna; o 2º Pel se deslocará para a encosta oeste da cota 179,5 e atacará os canhões da testa da coluna; o 3º Pel (menos uma seção), com os canhões sem recuo e as metralhadoras da Cia, deverá destruir os canhões e a infantaria blindada do centro da coluna; os engenheiros deverão instalar campos de minas de controle remoto na estrada e na frente das posições ocupadas pelos elementos da Cia; o posto de observação e a reserva (1 seção do 3º Pel) se estabelecerão atrás da posição do 2º Pel.

REAJUSTAMENTO DAS MISSÕES

O reajustamento das missões dos subordinados foi necessário porque o inimigo dispersou os canhões ao longo da coluna e a enquadrou com infantaria blindada. As alterações no dispositivo proporcionarão a máxima eficácia do fogo contra a coluna e o ataque simultâneo contra os canhões.

Os sapadores, protegidos pelas patrulhas de reconhecimento, colocaram as minas na estrada e na ponte do riacho Tango. Enquanto isso, o 3º Pel com as metralhadoras e os canhões sem recuo, ocupou posição e protege a oportuna partida do 1º e 2º Pel para suas posições de ataque.

O comandante da Cia se desloca para uma região atrás do 2º Pel. Aí, após verificar a informação sobre o dispositivo da coluna inimiga, dá o sinal para abrir fogo e detonar as minas.

O 3º Pel, os canhões sem recuo, as metralhadoras e os mosteiros concentram seu fogo sobre as viaturas inimigas.

INÍCIO DO ATAQUE

O 1º e 2º Pel iniciam o ataque. Combatendo com valor e determinação, aniquilam a infantaria no interior das viaturas blindadas e as garnições dos canhões, permitindo assim que os sapadores destruam os canhões e a munição. Durante o ataque, os meios de comunicações do inimigo foram destruídos, para impedir que possa chamar as suas reservas mais próximas.

O comandante da Cia dirige pessoalmente suas forças principais. Sob suas ordens, elas destroem as viaturas inimigas que constituem um obstáculo para o cumprimento de sua missão (destruição dos canhões e da munição). Emprega a reserva como reforço de suas unidades; por exemplo, ao notar que parte dos metralhadores inimigos apiaram e procuram abrigar-se na valeta da estrada, ordena concentrar sobre eles o fogo dos morteiros. Se o 2º Pel for moroso em destruir os canhões da vanguarda, ele ordena à reserva (uma seção do 3º Pel, com as metralhadoras da Cia) que o apoie.

Tendo cumprido sua missão, a um sinal do Cmt da Cia, o 1º e 2º Pel iniciam seu movimento para a zona de reunião; seguem-nos as demais unidades, cobrindo-se com seu próprio fogo. Na região matosa a leste do Bosque Mike podem ser deixadas duas seções de emboscada a fim de repelir a perseguição porventura realizada pelo inimigo.

NA ZONA DE REUNIÃO

Na zona de reunião a companhia de fuzileiros ocupa uma posição de defesa em perímetro. Neste local, já se havendo reunido ao grosso da força de desembarque, a companhia atua sob as ordens do comandante do escalão superior.

Conforme foi aqui demonstrado, uma companhia de fuzileiros aeroterrestre é capaz de desempenhar uma grande variedade de missões. A finalidade e a natureza da missão dependerão de diversos fatores: importância do objetivo, efetivo do inimigo, capacidade das armas orgânicas da companhia, seus esforços, o terreno, e muitas outras circunstâncias.

No exemplo apresentado, uma Cia Aeroterrestre destrói uma coluna de artilharia em marcha. Uma ação desta natureza se presta principalmente para a conquista e destruição de objetivos isolados na retaguarda do inimigo. A ação se desenvolve no quadro de uma operação aeroterrestre de grande envergadura.